

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Caso do marques: A Justiça que Se Auto-Condena e Nos Envia a Factura

Publicado em 2026-06-29 20:35:50



FRAGMENTOS DO CAOS · FC-CHRONIC-NEWS

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Factua

O Estado falha, a justiça tropeça, o segredo de justiça evapora-se, os responsáveis dissolvem-se na neblina institucional e, como sempre, o contribuinte recebe a conta.

Por **Aletheia Veritas** · Para **Fragmentos do Caos**

Há países onde a justiça é cega. Em Portugal, parece muitas vezes míope, manca, burocrática, sonolenta e com uma surpreendente capacidade para tropeçar nos próprios atacadores enquanto declara solenemente que está tudo dentro da normalidade institucional.

A mais recente jóia deste colar de pérolas nacionais é a condenação parcial do Estado português a pagar 15 mil euros a José Sócrates por danos não patrimoniais resultantes de violações do segredo de justiça na Operação Marquês. Não está aqui em causa, convém dizer desde já, a presunção de inocência, que é um princípio essencial em qualquer Estado de direito digno desse nome. Também não está em causa a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que está em causa é outra coisa: a miséria estrutural de uma justiça que falha em quase tudo e, depois de falhar, apresenta a conta ao contribuinte.

O Estado investiga mal, demora muito, comunica pior, deixa escapar informação, permite que processos gigantescos se transformem em espectáculos mediáticos, não responsabiliza quase ninguém de forma clara e, no fim, quem paga é sempre o mesmo animal mitológico da República: o cidadão contribuinte.

Esse ser paciente, explorado, resignado, que paga impostos, portagens, taxas, sobretaxas, contribuições, certificados, autenticações, emolumentos, derramas, actualizações, resgates, buracos bancários, consultorias públicas, PPP, fundações inúteis e agora também os danos morais provocados por uma justiça que não consegue guardar o que devia guardar.

É uma espécie de sadomasoquismo fiscal com hino nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Operação Marquês não é apenas um processo judicial. É um monumento nacional à lentidão, ao labirinto, ao desgaste, à suspeição, ao espectáculo e à perda de confiança.

Começou como o grande processo da corrupção política portuguesa. Tornou-se, ao longo dos anos, uma demonstração quase pedagógica de como uma justiça pode destruir a sua própria autoridade sem precisar de inimigos externos. Basta-lhe tempo, fugas, recursos, incidentes, nulidades, prescrições, interpretações contraditórias e aquela famosa serenidade institucional que só existe nos comunicados.

O cidadão comum olha para isto e já nem pergunta quem tem razão. Pergunta apenas: “Isto vai dar em alguma coisa?”

E essa pergunta, num Estado de direito, é devastadora.

Porque quando a justiça deixa de produzir confiança, passa a produzir cinismo. E quando o povo deixa de acreditar que a justiça funciona, não nasce daí uma sociedade mais livre. Nasce uma sociedade mais suja, mais desconfiada, mais brutal, mais disponível para acreditar que tudo é farsa e que só os ingénuos cumprem regras.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

anos de nevoeiro. E no fim, muitas vezes, uma mistura de prescrições, absolvições, indemnizações, responsabilidades difusas e uma sensação amarga de que ninguém verdadeiramente manda, ninguém verdadeiramente responde e ninguém verdadeiramente paga.

Excepto o contribuinte, naturalmente. Esse paga sempre. Tem vocação.

2. O segredo de justiça como passador nacional

O segredo de justiça, em Portugal, é uma expressão curiosa. Chama-se “segredo” porque, teoricamente, deveria estar protegido. Mas em certos processos parece mais um passador de cozinha: entra informação de um lado, sai notícia do outro.

Há fugas selectivas, há excertos misteriosos, há conversas que aparecem onde não deviam, há peças processuais que circulam como se tivessem sido distribuídas numa newsletter premium da República.

E depois todos ficam muito chocados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fenómeno meteorológico. Não cai do céu como aguaceiro em Março. Alguém viola. Alguém entrega. Alguém permite. Alguém publica. Alguém beneficia. Alguém se cala.

Mas no fim, quem paga? O Estado.

E quem é o Estado quando chega a factura? Somos nós.

A responsabilidade é sempre institucional quando se paga, mas raramente pessoal quando se apura. Uma engenharia moral perfeita: privatizam-se os abusos, socializam-se os custos.

3. O contribuinte como arguido universal

Há uma obscenidade democrática nesta lógica: o cidadão que não violou segredo nenhum, que não conduziu investigação nenhuma, que não participou em fuga nenhuma, que não deu entrevistas de bastidor, que não assinou despachos, que não arrastou processos, que não falhou prazos e que não transformou a justiça numa feira de vaidades, é chamado a pagar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sustenta a máquina que depois lhe explica, com ar muito compenetrado, que estas coisas acontecem.

Estas coisas acontecem muito em países onde a incompetência não tem dono.

Num Estado saudável, uma decisão destas deveria gerar uma sequência clara: identificar responsabilidades, perceber quem violou o segredo de justiça, apurar falhas internas, sancionar quem agiu mal, corrigir procedimentos e proteger o processo judicial de novas contaminações.

Em Portugal, a sequência habitual é outra: indignação durante dois dias, comentários televisivos, especialistas a discordar, políticos a fingir preocupação, cidadãos a resmungar, redes sociais a ferver e depois silêncio. Até ao próximo escândalo. Que virá, pontual, como o IRS.

4. Justiça lenta não é justiça. É desgaste com toga

Uma justiça que demora anos e anos a decidir questões centrais deixa de ser apenas lenta. Passa a ser corrosiva.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

permanente substitui a verdade processual. Corrói o próprio Ministério Público e os tribunais, porque a autoridade judicial não vive apenas da lei: vive também da confiança pública.

E confiança pública não se decreta. Conquista-se.

Quando um processo se arrasta por uma década, quando acusações mudam, caem, regressam, prescrevem ou se reconfiguram, quando a percepção pública passa a ser a de um labirinto interminável, a justiça já perdeu parte da batalha mesmo antes da sentença final.

Pode até ter razão juridicamente. Mas perde autoridade moral.

E uma justiça sem autoridade moral é apenas uma repartição com vocabulário solene.

5. A presunção de inocência não absolve a incompetência do Estado

É importante repetir: José Sócrates, como qualquer cidadão, tem direito à presunção de inocência, a um processo justo, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas defender direitos fundamentais não obriga ninguém a fingir que o sistema funciona bem.

Pelo contrário: é precisamente por acreditarmos no Estado de direito que devemos exigir uma justiça competente, limpa, rápida, discreta quando deve ser discreta e transparente quando deve prestar contas.

O que esta condenação expõe não é apenas uma vitória parcial de Sócrates sobre o Estado. É uma derrota do Estado perante si próprio.

É o Estado a olhar para o espelho e a ver uma máquina incapaz de garantir aquilo que exige aos cidadãos: cumprimento, responsabilidade e respeito pelas regras.

6. A República das consequências para ninguém

Portugal sofre de uma doença antiga: a ausência de consequências para quem está dentro da engrenagem do poder.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

códigos, balcões e chamadas intermináveis.

Mas quando o sistema falha em grande escala, tudo se dissolve numa névoa institucional.

- Foi “o Estado”.
- Foi “a complexidade”.
- Foi “o contexto”.
- Foi “o processo”.
- Foi “a morosidade”.
- Foi “a dificuldade probatória”.
- Foi “a comunicação social”.
- Foi “a arquitectura do sistema”.
- Foi “a conjugação de factores”.

Nunca é ninguém.

Portugal é um país extraordinário: até a culpa tem medo de assumir identidade.

7. A justiça como espectáculo e a democracia como plateia cansada

Um dos maiores danos destes processos intermináveis é a transformação da justiça em espectáculo. O cidadão assiste a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas a justiça não devia ser uma série de temporadas. Devia ser uma instituição.

Quando a justiça passa a viver no palco mediático, perde sobriedade. Quando depende da fuga para comunicar, perde autoridade. Quando demora tanto que o público já não sabe em que acto vai a peça, perde sentido.

E quando finalmente surge uma decisão como esta, o cidadão não vê apenas uma questão jurídica. Vê uma tragicomédia nacional: o Estado falhou, a justiça tropeçou, os responsáveis evaporaram-se e o povo paga bilhete para o espectáculo onde também é figurante explorado.

É difícil pedir confiança a uma população que vê a máquina pública funcionar como uma lavandaria de responsabilidades.

8. A verdadeira vergonha não são os 15 mil euros

Os 15 mil euros não são o essencial. São quase simbólicos perante o custo económico, moral e político de anos de degradação institucional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Revela uma justiça incapaz de proteger os seus próprios procedimentos.
- Revela instituições que falam muito de responsabilidade, mas raramente a praticam.
- Revela uma democracia onde a factura final encontra sempre o mesmo destinatário: o povo.
- Revela um país que confunde formalidade com justiça, processo com verdade e demora com prudência.

E revela, sobretudo, uma coisa perigosíssima: a erosão da confiança.

Porque quando a justiça falha em casos grandes, os pequenos cidadãos aprendem uma lição terrível: o sistema é duro com os fracos, lento com os poderosos e caro para todos.

9. O país onde ninguém rouba, mas tudo desaparece

Portugal tem esta arte refinada: raramente alguém sabe explicar como desapareceu o dinheiro, a confiança, o tempo, a responsabilidade ou a vergonha. Mas desaparecem.

- Desaparece dinheiro público.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Desaparece a consequência.
- Desaparece a confiança na justiça.

E depois aparece a factura.

Essa nunca desaparece.

A factura é sempre pontual, sempre exacta, sempre dirigida ao contribuinte. O mesmo contribuinte que espera meses por uma consulta, anos por uma decisão, horas por um atendimento e décadas por um país sério.

Conclusão: a justiça que condena o Estado condena-nos a todos

Esta condenação do Estado não é apenas mais um episódio da Operação Marquês. É uma metáfora perfeita do país.

Temos uma justiça que se arrasta, um Estado que se desresponsabiliza, instituições que se protegem, cidadãos que pagam e uma elite que transforma cada escândalo em mais um capítulo de normalidade democrática.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A pergunta que fica não é se José Sócrates tem ou não direito a indemnização quando o segredo de justiça é violado. Essa é uma questão que os tribunais decidem.

A pergunta maior é esta:

Quantas vezes mais vai o contribuinte português pagar pelos erros, abusos, fugas, atrasos e incompetências de um sistema que quase nunca se responsabiliza a si próprio?

Portugal não precisa de uma justiça vingativa. Precisa de uma justiça competente.

Não precisa de julgamentos mediáticos. Precisa de julgamentos sérios.

Não precisa de fugas selectivas. Precisa de prova, rigor e decisão.

Não precisa de indignação televisiva. Precisa de consequências.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É uma injustiça administrada em nome do Estado.

E paga por todos nós.

Referências e fontes consultadas

1. **RTP Notícias** — “Operação Marquês. Estado condenado a pagar 15 mil euros a Sócrates por violações do segredo de Justiça”.

https://www.rtp.pt/noticias/pais/operacao-marques-estado-condenado-a-pagar-15-mil-euros-a-socrates-por-violacoes-do-segredo-de-justica_n1750298

2. **ECO / Lusa** — “Operação Marquês. Estado condenado a pagar 15 mil euros a José Sócrates”.

<https://eco.sapo.pt/2026/06/29/operacao-marques-estado-condenado-a-pagar-15-mil-euros-a-jose-socrates/>

3. **RTP Notícias** — “Operação Marquês. Julgamento retoma na terça-feira após interrupção de três semanas”.

<https://www.rtp.pt/noticias/economia/operacao->

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Socrates goes on trial in graft case”.

<https://www.reuters.com/business/finance/portuguese-former-prime-minister-socrates-goes-trial-graft-case-2025-07-03/>

5. **El País** — “El juicio contra el ex primer ministro de Portugal José Sócrates por corrupción comienza 10 años después de su detención”.

<https://elpais.com/internacional/2025-07-03/el-juicio-contra-el-ex-primer-ministro-de-portugal-jose-socrates-por-corrupcion-comienza-10-anos-despues-de-su-detencion.html>

6. **Jornal de Notícias** — “Tribunal defende que José Sócrates não quer fugir à Justiça”.

<https://www.jn.pt/justica/artigo/tribunal-defende-que-jose-socrates-nao-quer-fugir-a-justica/18032006>

7. **Convenção Europeia dos Direitos Humanos**

— Artigo 6.º, direito a um processo equitativo e julgamento em prazo razoável.

https://www.echr.coe.int/documents/d/echr/Convention_ENG

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

certos países deve ser separada da sua carga xenófoba e racista original. Rebaixar povos inteiros é sempre uma forma pobre de pensamento. Mas, como metáfora institucional, a provocação toca num ponto incómodo: há países que não são pobres por falta de sol, talento ou recursos. São pobres porque as suas instituições foram transformadas em fossas sépticas de incompetência, corrupção, impunidade e cinismo.

Portugal, infelizmente, por vezes parece pedir lugar de honra nessa categoria. Não como povo, porque há gente decente, trabalhadora, lúcida e generosa. Mas como sistema político, administrativo e judicial, muitas vezes comporta-se como uma instalação artística sobre decadência, solenemente inaugurada, subsidiada e paga com impostos.

O problema não é o país físico. Portugal é belíssimo. O problema é a máquina que o gere. Uma máquina que consegue transformar riqueza em dívida, justiça em labirinto, impostos em penitência, corrupção em rotina, incompetência em carreira e responsabilidade em fenómeno paranormal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

em modo jossa institucional.

Ou, dito de forma ainda mais portuguesa: país lindíssimo, governado como se fosse uma herança indivisa saqueada por primos sem vergonha.

A grande tragédia portuguesa é esta: temos paisagem de paraíso, povo cansado, elites extractivas, justiça de digestão lenta e uma administração pública que às vezes parece programada em COBOL por um comité de sonâmbulos.

Trump usou a expressão para rebaixar povos. Isso é feio, perigoso e moralmente miserável. Mas podemos recuperar a provocação noutra direcção: não contra pessoas, não contra nações, não contra culturas, mas contra sistemas que transformam cidadãos em vítimas fiscais da incompetência dos poderosos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Portugal não é um país miserável. Miserável é a estrutura que tantas vezes o governa, o administra, o saqueia e depois ainda lhe chama normalidade democrática.

Por Francisco Gonçalves,

Um cidadão num dia muito mau, de muita indignação, perante tanta imoralidade perversa e sacanagem administrativa. Isso é um ultraje, senhores governantes e administradores da justiça de Portugal!

Aletheia Veritas

Fragmentos do Caos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)